
MARXISMO E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

MARXISMO E HISTORIA DE LA EDUCACION

MARXISM AND HISTORY OF EDUCACION

José Luís Sanfelice¹

Por: Maria de Fátima Rodrigues Pereira

A Revista *Germinal: marxismo e educação em debate* neste número cujo tema central é "Marxismo e História da Educação" entrevista o Professor José Luís Sanfelice que analisou, de modo percuciente, a história do Movimento Estudantil no enfrentamento à ditadura. Nesta entrevista, Professor Sanfelice que tem se dedicado, ultimamente, aos temas da educação no âmbito das políticas do Estado Capitalista faz importantes contribuições sobre a presença do marxismo nas pesquisas de História da Educação e mesmo nos projetos históricos brasileiros.

G.: Em seu entender o marxismo tem contribuído na produção de projetos históricos para a formação social brasileira? De que forma?

S.: Penso que o marxismo, nas suas múltiplas manifestações, vem contribuindo na produção de projetos históricos para a formação social brasileira na medida em que, no conjunto, é um forte aparato teórico-analítico para se compreender as sociedades capitalistas nas suas especificidades e naquilo que elas têm em comum. Em comum é sempre a exploração do trabalho pelo capital. Nas especificidades é a forma como isso se dá em cada sociedade capitalista e nas relações que elas estabelecem entre si. Como pensamento crítico, o marxismo vem fazendo um contraponto às teorias hegemônicas que visam validar a (des)ordem capitalista mundial. O marxismo mantém a possibilidade de se alimentar utopias necessárias para se almejar uma sociedade mais justa, igualitária e humanizada. Como esses ideais estão disseminados entre tantos homens e mulheres, o marxismo auxilia na estruturação de projetos societários que reivindicam a superação qualitativa das sociedades capitalistas atuais. A praxis política, de grande parte dos marxistas,

dirige-se a um amplo leque de lutas que podem parecer pontuais mas que no todo se relacionam. Só para dar um exemplo: a luta pelo ensino estatal (público) gratuito, universal, de qualidade e laico ou a enfática defesa da igualdade de gêneros.

G.: Como analisa a presença do marxismo na produção historiográfica brasileira?

S.: Se tomarmos como referência a densa obra organizada por João Quartim de Moraes (História do Marxismo no Brasil, ed. da UNICAMP) e, sem levarmos em conta os embates entre "os marxismos", veremos o quanto é grande a presença dessa matriz teórica na produção historiográfica brasileira. Pela densidade da pergunta é melhor mencionar a indicação acima do que tentar fazer uma resposta objetiva mas, é possível dizer que a referida presença se dá desde fins do século XIX quando se difundem as idéias de Marx e Engels entre socialistas brasileiros. Com o tempo passa a ser uma constante, a nova referência, entre filósofos, economistas, sociólogos, historiadores, movimentos sociais libertários e alguns partidos políticos como o PCB, por exemplo. Da Revolução de Outubro, das Revoluções chinesa e cubana, tudo virou material empírico para as interpretações teóricas de múltiplas inspirações a partir da fonte comum. As propostas sobre a possível Revolução brasileira foram sendo geradas em tal ambiente. Para não citar nenhum autor e cometer injustiças, lembro que é vasta a historiografia marxista sobre a História do Brasil.

Quais pesquisadores brasileiros destacaria que, orientados pelas teses de Marx e Engels, produziram importantes contribuições para se analisar e pensar o Brasil

Como a pergunta insiste em citar nomes, corro o risco de ser interpretado de forma indevida, pois a lista aqui seria muito grande. Apenas sugiro nomes, sem referir-me às obras que hoje podem ser acessadas facilmente em qualquer consulta eletrônica. De forma sucinta: Florestan Fernandes, Jacob Gorender, Maurício Grabois, Leandro Konder, Edgard Leuenroth, Rui Mauro Marini, Astrogildo Pereira, Eder Simão Sader, Caio Prado Júnior. Nelson W. Sodré, Michael Lowy, Carlos N. Coutinho, Otávio Ianni, Leôncio Basbaum e dezenas de outros. O importante aqui não me parece ser a quantidade ou um critério de escolha entre as diferentes "filiações" ao pensamento marxista. Apenas desejo indicar que intelectuais marxistas estão muito presentes no esforço coletivo de se entender a sociedade, a cultura, os movimentos sociais e a luta de classes no Brasil. Quiçá, as estratégias para a Revolução.

G.: Quais correntes do marxismo estão presentes na pesquisa em História e História da Educação no Brasil? Quais tem de fato contribuído no avanço dos balanços históricos? Entre as vertentes marxistas da historiografia brasileira, quais os impactos daquelas que se alinham no campo do pós-modernismo?

S.: Por mais que eu saiba que *Germinal* tem uma postura teórica bastante definida, reluto em responder às duas questões e explico. As questões nos remetem ao campo acadêmico da historiografia. Na academia, tenho tentado me explicitar da melhor maneira possível sobre minhas opções. O debate tem sido bastante pesado e muitas arestas permanecem não aparadas e, pode ser que nem o sejam. No fundo, para quem se deseja tentar permanecer coerente com o referencial teórico marxista, ultimamente os maiores embates acabam sendo entre os próprios marxistas. É como se quiséssemos, cada um de nós, se mostrar o melhor ou mais correto marxista. Aquele marxista que faz a melhor leitura da matriz (Marx e Engels). Então, perdemos o foco de combater os nossos adversários teóricos. Numa sintética entrevista, pode parecer que mencionar correntes do marxismo presentes nas pesquisas em História e História da Educação no Brasil é um gesto de rotulação. Por exemplo, os marxistas ortodoxos e os gramscianos. Ou um marxismo cultural. Bastaria isso para novos entreveros. Hoje, é comum identificarmos certos autores como marxistas, quando eles mesmos não querem assim serem identificados. O inverso também. Autores que não identificamos como marxistas, se dizem marxistas. No leque, positivismo, marxismo, Escola dos Anais, Nova História e pós-modernos, tudo acontece por ortodoxia, heterodoxia ou ecletismo. De fato, os impactos no campo da produção do conhecimento não são os mesmos. Longe de dizer que tanto faz. De qualquer maneira as perguntas são relevantes para a historiografia acadêmica que deve buscar responder de forma sólida o que elas indagam. No campo do marxismo, estou procurando mais o que nos aproxima do que aquilo que nos divide, tal e qual acontece no campo da política e dos partidos considerados à esquerda.

G.: *É possível considerar períodos de maior e menor presença do marxismo na produção historiográfica da educação? Quais destacaria?*

S.: Sim. É possível. Os estudos (principalmente dissertações e teses acadêmicas) mostram isso. Além da História da Educação brasileira, como disciplina, ser relativamente nova, suas inspirações iniciais estiveram amparadas em interpretações metafísicas e/ou teológicas. No âmbito da academia, o positivismo alimentou muita produção de conhecimento dentro dos seus próprios parâmetros, por exemplo na Cadeira de História da Educação da USP, nos anos sessenta (século XX). Salvo raríssimas exceções, o marxismo ganha campo mais expressivo na História da Educação nos anos 70 do século passado. É um movimento ligado à expansão da pós-graduação no Brasil, após a reforma universitária promovida pela ditadura civil-militar do Movimento de 64. Criaram-se, vamos dizer assim, certos núcleos de resistência que se dedicaram à leitura dos clássicos produzidos por Marx e Engels e, novamente como exemplo, o PPGE da PUCSP. Acredito que uma geração de marxistas se formou ali. Aos poucos dissertações e teses passaram a refletir o novo referencial e, na medida em que a ditadura civil-militar foi se esvaindo, as publicações também cresceram. Os historiadores marxistas da educação ganharam uma certa hegemonia sobre os positivistas

mas, o novo embate, agora com a Nova-História, se estabeleceu nas décadas seguintes. Realmente, os fatos da nossa história mundial pareciam conspirar contra os marxistas e, muitos sucumbiram às novas tentações. A Nova-História e os pós-modernos (leque imenso) subiram ao primeiro plano da historiografia. Hoje o embate parece continuar, embora, talvez arrefecido, pois, para muitos, basta saber que há lugar para todo mundo. Ou seja, o embate perde a sua dimensão política e fica no campo das vaidades.

G.: Que obras da história de educação produzidas sob orientação marxista destacaria tanto do ponto de vista de seus impactos na circulação do marxismo, quanto na originalidade e contribuição ao campo teórico tendo a educação como objeto de investigação?

S. Penso, de acordo com minha caminhada de formação, que a obra de Aníbal Ponce, "Educação e Luta de Classes", quando reeditada, foi de fundamental importância na circulação do pensamento marxista, independente, mais uma vez das críticas que se possa fazer a ela. Uma obra de um militante e que, por consequência, induzia o leitor a uma tomada de posição no campo da educação. Snyders, com "Escola, classe e luta de classe", tornou-se uma leitura estratégica na superação da bibliografia reprodutivista e das influências de Althusser. Na sequência, ou de forma concomitante, foi muito significativa a divulgação da obra de Gramsci que aportou com grande dimensão na produção historiográfica. Lukács, Poulantzas, Garaudy, dentre outros, se tornaram fontes. Uma expressiva quantidade de dissertações e teses (em especial no PPGE da PUCSP) foi publicada no formato de livros, como por exemplo a obra de Maria Luíza S.Ribeiro (História da Educação Brasileira), um verdadeiro marco. O livro da Ester Buffa, "Ideologias em conflito; escola pública e escola privada" e o livro de Carlos R. J. Cury, "ideologia e educação brasileira" são outros expressivos exemplos. Há nos anos 70 e 80 do século XX toda uma geração de marxistas que se dedicou a interpretar a História da Educação Brasileira, seja do ponto de vista macro ou em seus objetos e temáticas específicos. A maioria de nós, líamos metodicamente os clássicos da matriz teórica, inclusive "O Capital". Hoje, muitos estão do outro lado, tornaram se adversários. Por fim é bom lembrar a extraordinária obra de Manacorda sobre História da Educação na História da Educação no Brasil, a presença dos primeiros trabalhos de D. Saviani., Gilberta Jannuzzi., Gilberto L. Alves., Paolo Nosella, Olinda Noronha. Todos eles possuem obras marcantes na História da Educação e, sem dúvida, muitos outros pesquisadores poderiam ser aqui apontados. Perdoem-me por não fazê-lo.

G.: Em que tempos da história da educação brasileira, nos quais as contribuições do marxismo tiveram maior influência para a compreensão dos problemas educacionais e definição de políticas de caráter mais estruturante da educação pública?

S.: Não me parece que os marxistas, mesmo aqueles de Partidos socialistas ou comunistas, tenham tido ações orgânicas, enquanto marxistas, para uma definição política de caráter mais estruturante da educação pública. Posso estar equivocado pois, penso que em geral buscaram aliar-se às forças mais progressistas de cada conjuntura. Reconheço, entretanto, que muitos marxistas se empenharam na Defesa da Escola Estatal (pública), gratuita, de qualidade, laica e universal. Podemos lembrar, por exemplo de Florestan Fernandes, engajadíssimo na Campanha Nacional em Defesa da Escola Pública, quando da tramitação da nossa primeira LDB. A obra de Fernandes sobre educação é de absoluta referência. Grupos de marxistas, em conjunturas passageiras, se instalaram na administração pública da educação e fizeram algumas tentativas sempre abortadas pela intensa reação burguesa, religiosa, autoritária e não democrática de uma sociedade altamente conservadora.

G.: Como a SBHE e o HISTEDBR vêm contribuindo para a Historiografia da Educação no Brasil? Há outros grupos importantes fora destes dois coletivos de pesquisadores refletindo sobre a História da Educação na perspectiva marxista?

S.: A SBHE e o HISTEDBR são dois coletivos diferentes e com histórias diferentes. O HISTEDBR antecede a SBHE e foi fruto, inicialmente, de preocupações dos pesquisadores que desejavam aprofundar os estudos marxistas. Os professores Saviani e Lombardi, com um grupo que fazia pós-graduação na FE/Unicamp, deram início às atividades. Alguns projetos coletivos foram desenvolvidos e outros continuam sendo nos grupos que se articulam fora da sede. Significativas publicações foram feitas a partir dos estudos realizados por uma gama de estudiosos. Inspirou a realização de inúmeras dissertações e teses acadêmicas que, baseadas em "vários" marxismos ou marxistas, trazem grande contribuição não só à História da Educação mas, a todos os temas da educação. A realização das suas Jornadas regionais e do Seminário nacional são oportunidades de divulgação da produção, bem como de interlocução com as demais tendências presentes na História da Educação. Não é necessário ser marxista para participar do HISTEDBR. A SBHE surgiu depois de várias tentativas de se ter uma entidade representativa da área História da Educação, uma vez que as pesquisas passaram a se avolumar, aumentou o número de pesquisadores e em outros países entidades semelhantes já haviam se organizado. O primeiro presidente da SBHE foi também o professor Saviani. É inegável que houve ainda uma disputa pela hegemonia na área. A SBHE segue fazendo as relações com outras entidades do Brasil ou exterior e promovendo eventos de grande porte. Tem também disponibilizado uma linha de publicações que espelha parcialmente como se encontra a área da História da Educação. Outro grupo a ser citado, de vida mais recente, é a ABEM - Associação Brasileira de Educadores Marxistas.

G.: Como analisa a atuação do Histedbr em relação à presença do marxismo nas pesquisas de História da Educação?

S.: Um pouco da resposta está na questão anterior mas, acho que é bom acrescentar que por certo tempo o HISTEDBR foi o único grupo que ficou sendo identificado como formado por pesquisadores marxistas, embora ele não fosse somente um reduto de marxistas. Na crise do socialismo real e na efervescência dos novos paradigmas, os embates foram extremamente pesados.

Pesquisadores do HISTEDBR tiveram as portas fechadas em muitos âmbitos acadêmicos e nas entidades. Então, acho que o HISTEDBR contribuiu para sustentar um debate que as novas tendências nem sempre queriam fazer. Não foi possível, à área, ignorá-lo, tanto é que as respostas vieram de todos os lados e, muitas vezes, em tentativas de descredenciar o próprio marxismo no mundo acadêmico.

G.: A pós-graduação brasileira está contribuindo para, nos estudos da história da formação social brasileira, apreender os problemas da educação no Brasil? Há proposições avançadas de encaminhamentos decorrentes do balanço histórico empreendido até aqui?

S.: Sim, embora as ciências sociais (humanas) sejam sempre tratadas como as minoritárias e não essenciais na produção geral do conhecimento, a produção é bastante relevante na pós-graduação. Os horizontes de entendimento sobre a formação social brasileira estão se ampliando. Pensar a complexidade da sociedade brasileira e a educação que aí acontece, não tem sido tarefa fácil. Pensar a totalidade, o particular, a contradição e os saltos qualitativos numa sociedade que avança e recua, não é trabalho para um único ou poucos pesquisadores. Vejo hoje que, além da pós-graduação ser um lugar onde se pesquisa visando produzir conhecimentos, ela ainda tem dado a oportunidade para que certa "massa crítica" se consolide. No caso da educação mais recente, conduzida pela lógica neoliberal, é árdua a tarefa de entendê-la, de explicá-la, de ver as suas consequências sociais, políticas e ideológicas. Parte da pós-graduação vem se dedicando a isso e tem ajudado nas resistências. E, perante a hegemonia neoliberal, quase um consenso, a defesa da escola estatal (pública), universal, de qualidade, laica e gratuita é fundamental. Com as políticas governamentais em vigor, é preciso defender ferrenhamente a pós-graduação das instituições públicas.

G.: Que outras considerações lhe ocorrem para este tema Marxismo e História da Educação?

S.: Em primeiro lugar agradeço Germinal pela generosidade de me entrevistar e ouvir. Em segundo lugar desejo a toda equipe forças para a continuidade de trabalho tão relevante. E, como consideração final fico

parafrazeando E. Hobsbawm: os historiadores jovens precisam se inteirar do pensamento marxista. O marxismo ainda tem grande potencial interpretativo do mundo de hoje. E, mais: o marxismo não é apenas teoria mas, um imenso convite à praxis. Veja-se como exemplo a vida de Marx e Engels. Muito obrigado.

Notas:

- ¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia (1971), Mestre em Filosofia da Educação (1978) e Doutor em Educação (1985) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Livre Docência em História da Educação (2001) e Professor Titular (2006) na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde atuou como docente de 1981 a 2012. Aposentado e Professor Colaborador da UNICAMP 2013-2014. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa "História, Sociedade e Educação no Brasil" - HISTEDBR e membro do Conselho Editorial da Revista HISTEDBR on-line. Foi Diretor Associado e Diretor da Faculdade de Educação da UNICAMP no período de 1988 a 1996. Atua em História da Educação, História das Instituições Escolares e Política Educacional. Atua como docente e Coordenador do Curso de Mestrado em Educação na Universidade do vale do Sapucaí (UNIVÁS - MG), desde agosto de 2014.